

# USO DE PSICOFÁRMACOS POR ESTUDANTES DE PSICOLOGIA

## *Use of psychotropic drugs by psychology students*

Letícia Hanel dos Santos<sup>1</sup>  
Michele Marinho da Silveira<sup>2</sup>

Artigo encaminhado: 06/05/2019  
Aceito para publicação: 25/10/2019

**RESUMO:** Psicofármacos são medicamentos que agem no sistema nervoso central, alterando o comportamento, o humor, a percepção ou as funções mentais. São usados para tratamento de transtornos psiquiátricos, visando à melhora ou estabilidade dos mesmos. Este estudo buscou verificar o uso de psicofármacos por estudantes de psicologia de uma faculdade do norte do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma pesquisa transversal e descritiva com amostra de conveniência. Dos 265 estudantes pesquisados, 15,1% usava algum tipo de psicofármaco. A maioria dos estudantes que já realizaram psicoterapia não usavam psicofármacos. Dentre os que usavam psicofármacos encontrou-se associação estatisticamente significativa do uso com relação à psicoterapia, bem como com auto-relato de se sentir deprimido e ansioso. Os estudantes de psicologia revelaram pouco conhecimento sobre estas medicações, não apresentaram um uso excessivo de psicofármacos e os que já fizeram psicoterapia usavam menos estas medicações.

**Palavras-chave:** Psicofármacos. Substâncias psicoativas. Saúde mental. Estudantes. Psicologia.

**ABSTRACT:** Psychotropic drugs are substances that act on the central nervous system, altering behavior, mood, perception, or mental functions. They are used to treat psychiatric disorders, aiming at their improvement or stability. This study aimed to verify the use of psychotropic drugs by psychology students in a northern Rio Grande do Sul state college, southern Brazil. This is a cross-sectional and descriptive research study with a convenience sample. Of the 265 students surveyed, 15.1% used some type of psychotropic drug and of these 9.1% reported using anxiolytics. Most students who have undergone psychotherapy did not use psychotropic drugs, and there was a statistically significant association between use of psychotropic drugs with psychotherapy, with self-reported feeling depressed and anxious. It was concluded that the psychology students revealed little knowledge about these medications, did not have an excessive use of psychotropic drugs and those who already had psychotherapy used less of these medications.

**Keywords:** Psychotropics. Psychotropic substances. Mental health. Students. Psychology.

---

<sup>1</sup>Psicóloga graduada pela Faculdade Meridional – IMED. E-mail: leti.hanel@hotmail.com

<sup>2</sup>Pós-Doutora em Educação pela UFRGS. Doutora em Gerontologia Biomédica pela PUCRS. Mestre em Envelhecimento Humano pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Docente na Faculdade Meridional – IMED. E-mail: michele.msilveira@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O marco principal do advento dos psicofármacos na era contemporânea pode ser referido ao ano de 1949, quando o psiquiatra australiano John Cade propôs que sais de lítio eram úteis no tratamento das crises de mania (PARKER, 2012). Os psicofármacos são substâncias psicoativas que agem diretamente sobre as sensações, alterando o comportamento, o humor, a percepção ou outras funções mentais e são usados como medicamentos em doenças psiquiátricas, visando à melhora ou estabilidade das mesmas (FERRAZA; ROCHA; LUZIO, 2013). Também são descritos como aqueles que agem diretamente no sistema nervoso central devendo ser usados de forma adequada a cada caso. Entretanto, dependendo do tipo, estas substâncias podem levar a dependência (GRASSI; CASTRO, 2013).

Os psicofármacos são o grupo dos agentes farmacológicos mais utilizados pela população em geral, muitas vezes de forma incorreta e sem prescrição, apenas para aumentar a sensação de bem-estar (NICOLL, 2010). Eles são classificados em várias categorias dependendo da ação desejada ou de acordo com a sintomatologia ou patologia para a qual são indicados, como ansiolíticos, sedativos e hipnóticos, antidepressivos, antipsicóticos, estabilizadores do humor, anticonvulsivantes e estimulantes do sistema nervoso central. (RANG; DALE, 2011). Exemplificando, os antipsicóticos são utilizados na redução dos sintomas psicóticos de várias condições, como esquizofrenia, transtorno bipolar, quadros psicóticos orgânicos ou induzidos por substâncias e apresentam efeitos sedativos, retraindo as funções psicomotoras (POTTER; HOLLISTER, 2010). Os antidepressivos são indicados para o tratamento de transtornos depressivos, transtornos de ansiedade, distúrbios de dor, tratamento do tabagismo, transtornos alimentares, além de vários outros distúrbios como enurese em crianças (BATTISTA, 2017). Os ansiolíticos têm a função de reduzir a ansiedade e exercer efeito calmante e os hipnóticos gerar sonolência e conservação do estado de sono (TREVOR, 2017). Os anticonvulsivantes são medicações utilizadas para o tratamento de epilepsia e alguns são utilizados como estabilizadores do humor (PORTER; MELDRUM, 2017).

Uma das justificativas para o uso indiscriminado desses psicofármacos é a grande acessibilidade a esses medicamentos, aliada a uma maior procura por parte dos estudantes em situações de estresse, ansiedade e problemas

emocionais entre outros (PAULA et al., 2014; VASCONCELOS et al., 2015). As consequências da sua utilização incorreta para o organismo associam-se com sua estreita janela terapêutica e alta capacidade de habituação, o que pode produzir alterações cognitivas, motoras e dependência (CÂMARA; ROCHA; BALTEIRO, 2011).

O consumo de psicofármacos é excessivo no Brasil e está se tornando um problema de saúde pública. A situação demanda mais atenção das equipes de profissionais que acompanham os pacientes (CÂMARA; ROCHA; BALTEIRO, 2011). Um fator para o uso indiscriminado é que muitos sintomas emocionais básicos (alegria, tristeza, raiva) estão sendo caracterizados como patologias e tratados com medicações (SILVA, 2011).

Há uma notória escassez de dados empíricos sobre o uso de psicofármacos por estudantes de psicologia no Brasil. A maioria dos estudos encontrados sobre o uso desses medicamentos por estudantes são conduzidos com estudantes de medicina e enfermagem (MARCHI et al., 2013; LIMA et al., 2017). Assim, este estudo teve como objetivo verificar o uso de psicofármacos por estudantes de psicologia e averiguar a associação entre o uso de psicofármacos com os dados sociodemográficos, farmacológicos e de saúde.

## **2 METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal e descritivo, de natureza quantitativa e com amostra de conveniência. Como participantes foram incluídos estudantes do curso de psicologia de uma faculdade privada do norte do Rio Grande do Sul. Excluíram-se pessoas com idade inferior a 18 anos, sem habilidade manual de escrita e as que deixaram os questionários incompletos. Ao todo foram avaliados 272 e excluídos sete de acordo com os critérios de exclusão, totalizando uma amostra de 265 estudantes. A coleta de dados foi realizada no período de agosto a outubro de 2017;

Como instrumentos utilizou-se um questionário com dados sociodemográficos e farmacológicos com variáveis como sexo, idade, renda familiar, problemas de saúde, doenças autorelatadas, se fez ou faz uso de psicofármacos, qual(is) psicofármaco(s), por quanto tempo, se foi por indicação médica, e se realizou ou realiza psicoterapia. O questionário utilizado foi adaptado da pesquisa de Ribeiro et al. (2014).

Depois que a pesquisa foi autorizada pela coordenação do curso de psicologia e a aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa, a pesquisadora compareceu nas salas de aula do curso, durante o período letivo, durante cinco dias, nos turnos matutino e noturno, realizando o convite aos estudantes para participarem da mesma. Os alunos que quiseram participar deram o seu consentimento por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e responderam ao questionário.

Os dados obtidos foram analisados com o programa SPSS 23.0 para Windows. As variáveis numéricas foram descritas como média  $\pm$  desvio padrão e as variáveis categóricas foram expressas como frequência absoluta e relativa. Para variáveis qualitativas avaliadas foi utilizado o teste qui-quadrado de Pearson e para variáveis quantitativas foi utilizado teste U de Mann-Whitney. Considerou-se como estatisticamente significativos testes com valor de probabilidade  $< 0,05$ .

É necessário destacar as limitações do estudo, tais como não terem sido utilizadas escalas para avaliar o nível de ansiedade e sintomas depressivos, uma vez que apenas realizou-se um autorrelato desses sintomas.

### 3 RESULTADOS

A média de idade dos estudantes foi de  $22,9 \pm 6,1$  anos. Os que já fizeram uso anteriormente de psicofármacos utilizaram os medicamentos por uma média de  $7,0 \pm 23,6$  meses e os que ainda estão fazendo uso por  $4,5 \pm 22,0$  meses. A média de vezes que tiveram que trocar de medicação até alcançar os efeitos desejados foi de  $0,2 \pm 0,7$  vezes. Na Tabela 1 observa-se o perfil sociodemográfico dos participantes.

**Tabela 1.** Perfil sociodemográfico dos estudantes de psicologia (n=265).

	Frequência	Percentual
Sexo		
Feminino	222	83,8%
Masculino	43	16,2%
Estado Civil		
Solteiro	201	75,8%
Casado ou com companheiro	59	22,3%

Separado/Divorciado	5	1,9%
Etapa que se encontra no curso de psicologia		
1º ao 3º semestre	86	32,5%
4º ao 6º semestre	108	40,8%
7º ao 10º semestre	71	26,8%
Renda familiar mensal		
1 a 2 salários mínimos	62	24,3%
3 a 4 salários mínimos	109	41,1%
Acima de 5 salários mínimos	94	35,4%
Atualmente está trabalhando	174	65,7%

Dos estudantes pesquisados 88 (33,2%) já fizeram uso de psicofármacos e 40 (15,1%) fazem uso. 74 (27,9%) já consultaram um psiquiatra, 153 (57,7%) realizaram psicoterapia e atualmente 71 (26,8%) são atendidos por profissional psicólogo.

Na Tabela 2 visualiza-se a autopercepção de saúde, sintomas autorelatados e uso de psicofármacos. Observa-se que muitos antidepressivos são prescritos e indicados para transtornos de ansiedade e que muitos estudantes citaram os ansiolíticos como os mais utilizados. Entretanto, conferindo pelos nomes das medicações observou-se a maior prevalência de antidepressivos, demonstrando a falta de conhecimento dos estudantes quanto aos tipos dos psicofármacos de que fazem uso.

**Tabela 2.** Autopercepção de saúde, sintomas autorrelatados e uso de psicofármacos conforme os estudantes de Psicologia (n=265).

	Frequência	Percentual
	a	l
Autopercepção de saúde		
Ótima	44	16,6%
Boa	168	63,4%
Regular	48	18,1%
Ruim	5	1,9%
Considera-se uma pessoa deprimida	46	17,4%
Considera-se uma pessoa ansiosa	205	77,4%
Considera-se uma pessoa estressada	125	47,2%

Uso de Psicofármacos	40	15,1%
Uso de Antidepressivos	21	7,9%
Uso de Ansiolíticos	24	9,1%
Uso de Sedativos/hipnóticos	12	4,5%
Uso de Estabilizador do humor	12	4,5%
Uso de Antipsicóticos	2	0,8%
Uso de Estimulantes	6	2,3%
Uso de Anticonvulsivantes	3	0,8%

Dos psicofármacos relatados, o antidepressivo sertralina foi o mais utilizado, por 11 (4,0%) alunos, seguido do cloridrato de fluoxetina, por quatro (1,4%), o anticonvulsivante topiramato, por três (1,1%), a melatonina, utilizada como hipnótico, por dois (0,7%) e hemitartrato de zolpidem, por dois (0,7%), os antidepressivos cloridrato de bupropiona, por dois (0,7%), venlafaxina por dois (0,7%), mirtazapina por dois (0,7%) e escitalopram por dois (0,7%), o antipsicótico quetiapina por dois (0,7%) e o estabilizador de humor carbamazepina por dois (0,7%). Os demais medicamentos foram utilizados individualmente, por um estudante (0,3%), entre eles os antidepressivos duloxetina, desvenlafaxina, citalopram, paroxetina, fluvoxamina e trazodona; os ansiolíticos buspirona e clonazepam; o anticonvulsivante lamotrigina; os estabilizadores de humor lítio e ácido valpróico) e o estimulante metilfenidato.

Foi relatado por 91 (34,3%) dos pesquisados que o medicamento foi prescrito por médicos, destes 55 (20,8%) por psiquiatras, seguidos por clínicos gerais 17 (6,4%), neurologistas 14 (5,3%) e demais especialidades médicas seis (2,2%). Cinco estudantes (1,9%) revelaram que o medicamento foi indicado por parentes. Na Tabela 3, não se observam associações estatisticamente significativas entre o uso e não uso de psicofármacos com os dados sociodemográficos.

**Tabela 3.** Associações do uso de psicofármacos com dados sociodemográficos dos estudantes de Psicologia (n=265).

	Sim	Não	P
Sexo			
Feminino	37	185	0,104

Masculino	3	40	
Estado Civil			
Solteiro	25	176	
Casado ou com companheiro	14	45	0,099
Separado/Divorciado	1	4	
Renda familiar mensal			
1 a 2 salários mínimos	6	56	
3 a 4 salários mínimos	16	93	0,603
Acima de 5 salários mínimos	18	76	
Atualmente está trabalhando	28	146	0,530
Etapa que se encontra no curso de psicologia			
1º ao 3º semestre	16	71	
4º ao 6º semestre	19	88	0,085
7º ao 10º semestre	4	66	

Na Tabela 4 observam-se as associações do uso de psicofármacos com os dados de saúde. Foram estatisticamente significativas as associações entre o uso e não uso de psicofármacos e os sintomas autorrelatados de depressão e ansiedade e se já fez ou faz psicoterapia.

**Tabela 4.** Associações do uso de psicofármacos com os dados de saúde dos estudantes de Psicologia (n=265).

	Sim	Não	P
Autopercepção de saúde			
Ótima	7	37	
Boa	27	141	0,732
Regular	6	42	
Ruim	0	5	
Considera-se uma pessoa deprimida	17	29	0,000***
Considera-se uma pessoa ansiosa	37	168	0,007**
Considera-se uma pessoa estressada	21	104	0,287
Já realizou psicoterapia	33	120	0,000***
Realiza psicoterapia atualmente	16	55	0,035*

\*p<0,05; \*\*p<0,01; \*\*\*p<0,001

## 4 DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, observou-se que 15,1% dos alunos fazem uso de psicofármacos, enquanto que estudo de Carballo, Vila e Torres (2011), para termo de comparação, demonstrou que 9,7% dos estudantes de psicologia pesquisados faziam uso desses medicamentos. Já para Borges, Masso e Vedana (2015) o uso de psicofármacos entre usuários na atenção primária em saúde foi de 25,8%. Em contrapartida, outros estudos com estudantes de diferentes graduações da área da saúde (ISTILLI; MASSO; PADOVANI, 2010; MARCHI; BÁRBARO; MASSO, 2013; RIBEIRO; CRUZ; MARCHI, 2014) mostram o uso de psicofármacos de maneira mais significativa nessa população, manifestando preocupação pelas altas prevalências encontradas.

Neste estudo, o antidepressivo sertralina foi o psicofármaco o mais utilizado, por 11 estudantes (4,0%), seguido do cloridrato de fluoxetina por quatro (1,4%), enquanto Istill, Masso e Padovani (2010) em estudo sobre o uso de antidepressivos com estudantes de enfermagem observaram que a maior parte (19%) deles utilizaram algum tipo de medicamento antidepressivo, sendo o cloridrato de fluoxetina o mais prescrito. Também, dados encontrados por Ribeiro, Cruz e Marchi (2014) apontam o cloridrato de fluoxetina como o medicamento antidepressivo mais utilizado na população dos estudantes de medicina estudada e 11,4% daquela amostra relatou que já fez uso de algum antidepressivo.

Scolaro, Bastiani e Mella (2010) investigaram o uso de antidepressivos por estudantes de uma instituição superior, apontando que 9,51% dos estudantes entrevistados faziam uso dessa classe de medicamento e que o mais utilizado foi o cloridrato de fluoxetina. Em outra pesquisa realizada com estudantes de enfermagem sobre o uso de ansiolíticos constatou-se que 16% utilizaram em algum momento medicamentos ansiolíticos e o diazepam foi o mais utilizado (MARCHI; BARBARO; MASSO, 2013).

57,7% dos estudantes de enfermagem pesquisados no estudo de Marchi, Bárbaro e Masso (2013) já realizaram psicoterapia com profissional psicólogo e 26,8% estavam realizando psicoterapia na ocasião da pesquisa. Estudo conduzido por Kichler e Serralta (2014) aponta que 84,7% dos estudantes de psicologia fizeram tratamento psicológico e justificam a importância da terapia para o autoconhecimento e crescimento pessoal, aprendizagem por meio da



experiência, escuta clínica e prática profissional. 45,2% daqueles estudantes já realizaram psicoterapia e não usaram psicofármacos e 20,7% faz psicoterapia e não usa psicofármacos. Entretanto, o uso depende antes de tudo do diagnóstico e sintomas que o paciente apresenta, incluindo eventuais comorbidades e salienta-se que a utilização de forma racional e combinada com o acompanhamento psicológico tem resultados positivos no tratamento de transtornos psiquiátricos (BEUX; KUJAWA, 2015).

Com relação à autopercepção de saúde, os respondentes desta pesquisa consideram sua saúde como boa (63,4%) ou ótima (16,6%), dados que podem ser comparados com os de Coelho et al.(2017) em que 82% dos pesquisados avaliaram sua saúde como boa. Entretanto, neste estudo apresentaram-se autorrelatos significativos em relação aos sintomas de ansiedade, depressivos e o uso de psicofármacos. A maioria que não fazia uso de psicofármacos não relatava sentir-se deprimida e a maioria que dizia sentir-se ansiosa não fazia uso desses medicamentos. Os sintomas de ansiedade talvez possam ser explicados pelo momento de vida em que se encontram, que incluem os desafios da vida acadêmica. No estudo de Carballo, Vila e Torres (2011) foram encontrados níveis consideráveis de ansiedade e sintomas depressivos associados a uso de psicofármacos entre alunos dos cursos de psicologia e medicina.

Quanto à prescrição de psicofármacos, a maioria desses medicamentos foram prescritos por médicos (34,3%), os que receberam orientações quanto ao uso foram 42,3%, mas alguns (15,8%) tiveram dúvidas quanto ao tratamento e a maioria acreditava que estas substâncias podem causar dependência (84,9%) e tolerância (69,8%). Dados que puderam ser percebidos também no estudo de Ribeiro, Cruz e Marchi (2014), em que a maioria das orientações foram realizadas por médicos (97%), porém, 21,2% ainda apresentavam dúvidas quanto ao tratamento e a maioria também acreditava que essas medicações poderiam causar dependência (54,5%) e tolerância (51,5%).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O número dos estudantes de psicologia pesquisados que usavam algum tipo de psicofármaco (15,1%) nos leva à reflexão de que não se pode apontar um uso excessivo dessas medicações entre estes estudantes. Entre os que já fizeram psicoterapia foi observado que usavam menos esses medicamentos.

Considerando que a amostra é composta por estudantes de psicologia, chamou a atenção o desconhecimento dos mesmos a respeito de vários aspectos relacionados aos psicofármacos, como os nomes e tipos de medicamentos, mesmo os utilizando. Tal achado aponta para a necessidade de ações voltadas à ênfase no ensino da psicofarmacologia na formação do profissional psicólogo, bem como para uma maior articulação entre a teoria e a prática profissional. Por mais que esse profissional não prescreva medicamentos, é de fundamental importância que conheça seus mecanismos de ação e suas indicações, uma vez que terá contato com diversos pacientes que fazem uso.

Os resultados do estudo devem ser olhados à luz do fato de não terem sido utilizadas escalas para avaliar o nível de ansiedade e sintomas depressivos, uma vez que apenas realizou-se um autorrelato desses sintomas. Com isso, sugere-se a continuidade deste estudo com o uso de escalas que possam quantificar sintomas depressivos e de ansiedade.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, C. Agentes antipsicóticos e lítio. In: B. G. Katzung e A. J. Trevor (Orgs.), *Farmacologia básica e clínica* (pp. 490-509). Porto Alegre, RS: AMGH, 2017.

BEUX, M. T.; KUJAWA, I. Uso abusivo de psicofármacos: Medicalização da vida e consequências psicossociais. *IX Mostra de Iniciação Científica e Extensão Comunitária e VIII Mostra de Pesquisa de Pós-Graduação da IMED, 1-10, 2015. Disponível em: <https://soac.imed.edu.br/index.php/mic/ixmic/paper/view/33/29>* Acesso em: 05 de janeiro de 2019.

BORGES, T. L.; MIASSO, A. I.; VEDANA, K. G. G.; et al. Prevalência do uso de psicotrópicos e fatores associados na atenção primária à saúde. *Acta Paulista de Enfermagem*, v.28, n. 4, p. 344-349, 2015.

CÂMARA, H.; ROCHA, C.; BALTEIRO, J. Grau de conhecimento e consumo de psicofármacos dos alunos da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, v. 29, n. 2, p. 173-179, 2011.

CARBALLO, J. L., VILA, M. M., TORRES, C. P.; et al. Diferencias en el consumo de sustancias psicoactivas y psicofármacos entre estudiantes de medicina y psicología en época de exámenes. *Health and Addictions*, v. 11, n. 1, p. 19-30, 2011.

COELHO, M. T. A. D.; SANTOS, V. P.; CARMO, M. B. B.; et al. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, v. 6, n. 1, p. 5-13, 2017.

FERRAZA, D. A.; ROCHA L.C.; LUZIO C. A. Medicalização em um serviço público de saúde mental: Um estudo sobre a prescrição de psicofármacos. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 2, n. 6, p. 255-265, 2013.

FRÖHLICH, S. M. E.; MENGUE, S. S. *Impacto do consumo de psicotrópicos nas despesas familiares no Brasil*; Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GRASSI, L. T. V.; CASTRO, J. E. S. Estudo do consumo de medicamentos psicotrópicos no município de Alto Araguaia – MT. *Revista Saberes da Fapan*, v. 1. n. 3, p. 1-16, 2015.

ISTILLI, P. T.; MIASSO, A. I.; PADOVAN, C. M., et al. Antidepressivos: Uso e conhecimento entre estudantes de enfermagem. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 18, n. 3, p. 131-139, 2010.

KICHLER, G. F.; SERRALTA, F. B. As implicações da psicoterapia pessoal na formação em psicologia. *Psico*, v. 45, n. 1, p. 55-64, 2014.

LEVINE, D. M.; BERENSON, M. L.; STEPHAN, D. *Estatística: Teoria e aplicações usando Microsoft Excel em português*. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

LIMA, M. C. P.; RAMOS-CERQUEIRA, A. T. A.; DANTAS, C. L., et al. O trote e a saúde mental de estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 41, n. 2, p. 210-220, 2017. Doi: 10.1590/1981-52712015v41n2rb20160025 .

MARCHI, K. C.; BÁRBARO, A. M.; MIASSO, A. I., et al. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 15, n. 3, p. 731-739, 2013. Doi: 10.5216/ree.v15i3.18924.

NICOLL, R. A. Introdução à farmacologia dos fármacos que agem no SNC. In B. G. Katzung. *Farmacologia básica e clínica* (pp. 297 - 308). Porto Alegre: AMGH, 2010.

PARKER, G. John Cade. *American Journal of Psychiatry*, v. 169, n. 2, p. 125-126, 2012. Doi: 10.1176/appi.ajp.2011.11111697.

PAULA, J. D. A. D., BORGES, A. M. F. S., BEZERRA, L. R. A., et al. Prevalência e fatores associados à depressão em estudantes de medicina. *Journal of Human Growth and Development*, v. 24, n. 3, p. 274-281, 2014.

POTTER, W. Z.; HOLLISTER, L. E. Agentes antipsicóticos e lítio. In B. G. Katzung. *Farmacologia básica e clínica* (pp. 409 - 424). Porto Alegre: AMGH, 2010.

PORTER, R. J.; MELDRUM, B. S. Fármacos anticonvulsivantes. In B. G. Katzung A. J. Trevor (Orgs.), *Farmacologia básica e clínica* (pp.396-420). Porto Alegre: AMGH, 2017.

RANG, H. P.; DALE, M. M. *Farmacologia*. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2011.

RIBEIRO, A. G., CRUZ, L. P., MARCHI, K. C., et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 6, p. 1825-1833, 2014.

SCOLARO L. L.; BASTIANI D.; MELLA E. A. C. Avaliação do uso de antidepressivos por estudantes de uma instituição de ensino superior. *Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR*, v. 14, n. 3, p. 189-196, 2010.

SILVA, R. *A biologização das emoções e a medicalização da vida: contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da sociedade contemporânea...* Dissertação de mestrado em psicologia - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011. 244f.

TREVOR, A. J. Fármacos Sedativos-hipnóticos. In B. G. Katzung A. J. Trevor (Orgs.), *Farmacologia básica e clínica* (pp. 369-383). Porto Alegre: AMGH, 2017.

VASCONCELOS, T. C., DIAS, B. R. T., ANDRADE, L. R., et al. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015. Doi: 10.1590/1981-52712015v39n1e00042014.